

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTONIO PIETRANGELI
2 e 8 de Abril de 2025

LO SCAPOLO / 1955
(O Solteirão)

Um filme de Antonio Pietrangeli

Realização: Antonio Pietrangeli / Argumento: Antonio Pietrangeli, Ettore Scola, Ruggero Maccari e Sandro Continenza, baseado numa história original de Pietrangeli / Direcção de Fotografia: Gianni di Venanzo / Direcção Artística: Ugo Bloettler e Arrigo Breschi / Música: Angelo Lavagnino / Montagem: Eraldo Da Roma / Som: Bruno Brunacci e Oscar di Santo / Interpretação: Alberto Sordi (Paolo Anselmi), Sandra Milo (Gabriella), Nino Manfredi (Peppino), Madeleine Fischer (Carla Albertini), Anna Maria Pancani (Lisa), Maria Asquerino (Catina), Fernando Fernán Gómez (Armando), Pina Bottin (Anna), Attilio Martella (Michele), Franca Mazzoni (Norma), etc.

Produção: Film Costellazine – Águila Films / Produtor: Maurice Ergas / Cópia: 35 mm, preto e branco, falada em italiano e legendada eletronicamente em português / Duração: 90 minutos / Estreia em Portugal: Condes, a 5 de Setembro de 1958.

Segunda longa-metragem de Antonio Pietrangeli, **Lo Scapolo** foi um filme construído inteiramente em torno da figura de Alberto Sordi, que naqueles princípios dos anos 50, e sobretudo depois dos filmes com Fellini (**Lo Sceicco Bianco, I Vitelloni**), se tornara a maior vedeta masculina do cinema italiano. Produção italo-espanhola (é por isso que encontramos, numa personagem secundária, o grande Fernando Fernán Gómez), mas de resto completamente italiana nos lugares, tempos e modos, a sua razão de ser, e a razão de ser da encomenda do produtor Maurice Ergas, era mesmo essa, como recordou mais tarde Ettore Scola, um dos co-argumentistas: o centro seria Sordi, o trabalho do realizador e dos seus parceiros de escrita do argumento seria encontrar um entorno e uma justificação para deixar Sordi permanentemente em campo, a consolidar a *persona* que o filme já recebia em legado mas por sua vez, digamos, institucionalizava.

Que *persona* era essa, que declinação caricatural e severa, cheia de substância sociológica, de um modelo de “homem italiano típico”, era essa? Num livro de Guglielmina Morelli, Giulio Martini e Giancarlo Zappoli dedicado ao cinema de Pietrangeli encontramos uma síntese exaustiva, passe o oxímoro; transcrevemo-la: “pequeno burguês cidadão, embora de extracção popular e provinciana, solteirão impenitente, amante das belas mulheres e das aventuras amorosas, poltrão e mentiroso (faz-se chamar “doutor” sem ter nenhum diploma), alérgico a todas as formas de responsabilidade (em primeiro lugar à do matrimónio, de que foge como da peste, mas também às responsabilidades laborais), e ao mesmo tempo angustiado com a sua solidão, presente e futura, e portanto disposto, no fim de contas, a não renegar a oportunidade de subir ao altar e pronunciar o fatídico ‘sim’”. Se **Lo Scapolo** tem muito de reiterativo (no melhor sentido do termo), todo o seu sentido vem também das fissuras dessa reiteração, na forma como este modelo de personagem inspirava aos seus

contemporâneos uma mistura de reconhecimento e repulsa, uma proximidade instintiva que o decurso do filme faz querer transformar em distância cada vez maior. É um dos segredos de funcionamento do filme, é de certa forma um dos segredos de toda a “*commedia all’italiana*”, esta falsa cumplicidade, este gelo que vem transfigurar o riso.

Evidentemente, é também um pequeno tratado sobre a misoginia. A estrutura episódica do filme, que se organiza em tornos dos encontros e relacionamentos forçosamente breves do protagonista com várias mulheres, não deixa de trazer à memória, como num espelho invertido, um filme que Pietrangeli só faria dez anos depois e que é possivelmente a sua obra-prima, **Io la Conoscevo Bene**. Nesse filme, seguiremos os infelizes encontros de uma protagonista feminina com uma quantidade de homens que a usam e manipulam; aqui, a perspectiva é a oposta, segue-se um homem e a quantidade de mulheres que ele usa e manipula. Se o filme tem muito de “interior” à personagem (a voz “off” com discurso directo e comentários do “scapolo”) o que lhe interessa é justamente distanciar-se desse discurso, criar contrastes entre ele e a realidade, sublinhar a que ponto este é mais uma vez, como em tanto cinema italiano, o relato da “tragédia de um homem ridículo”. Por isso as actrizes (Sandra Milo, genial) têm que ser fortíssimas, e as personagens femininas têm que estar muito além da ambiguidade: todas elas são “melhores” do que o homem, e nisso são o espelho onde se reflecte o complexo de inferioridade dele, onde o “don-juanismo” auto-reivindicado se converte numa, não vamos dizer “impotência” porque tem uma conotação sexual que não é aqui necessariamente o mais importante, mas numa incapacidade, numa fraqueza, numa forma de medo (a cena em que o protagonista se sente mal durante a noite e não tem ninguém que lhe acuda é uma cena crucial na definição desse medo). Como todo o impostor, não aguenta estar a sós com a consciência da sua impostura, daí a compulsão para a sedução contínua; como todo o impostor, não aguenta o confronto com a *verdade* de cada uma daquelas mulheres, reveladora da sua própria impostura. Essa é a tragédia de mais este “uomo ridicolo”, dada em aparência de comédia, com o protagonista perfeito: não é o melhor filme de Sordi, mas é o filme que primeiro mostraríamos a quem precisasse de ser convencido da absoluta genialidade deste actor.

Luís Miguel Oliveira